



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DE LEITURA
PARA O LETRAMENTO

TALWANE VIEIRA CANGUÇU

Brasília, julho de 2013

Talwane Vieira Canguçu

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DE LEITURA

PARA O LETRAMENTO

Trabalho Final de Curso apresentado como Requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof.^a Stella Maris Bortoni-Ricardo.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dra. Stella Maris Bortoni de F. Ricardo _ Orientadora
Faculdade de Educação Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Faculdade de Educação Universidade de Brasília

Prof.^a Mestra Helen Danyane Soares C. de Souza
Faculdade de Educação Universidade de Brasília

Data da aprovação: 23/07/2013

Brasília, Julho de 2013

Agradecimentos

A minha mãe, que me deu todo amor e carinho.

Ao meu pai, que me deu seu apoio.

A Cristiane Vargas, que me ensinou a ser professora com toda a sua paciência.

A Lélia Daher e Sílvia Pereira, pelas horas de risada e aprendizagem.

A Taysa Brasil e Paola Campolina, que me ajudaram a chegar até aqui.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

Antoine Saint-Exupéry

CANGUÇU, Talwane Vieira. **O papel do professor como mediador de leitura para o letramento**. Brasília/DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação), 2013.

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se como um trabalho de conclusão de curso, sendo seu título *O papel do professor na mediação da leitura para o letramento*. Seu objetivo geral é um esforço para demonstrar como a atuação do professor pode incentivar a prática da leitura para o efetivo letramento. Como objetivos específicos temos: (1) Analisar o conhecimento das professoras acerca do letramento, (2) Identificar estratégias de mediação da leitura utilizadas em sala de aula, (3) Analisar como se dá a prática leitora em sala de aula.

Para tanto são citados nesta pesquisa autores como SOARES (2010), BORTONI-RICARDO (2010, 2012,2013), KLEIMAN (2008), CAVALCANTI (2010), BARBOSA (1994). A pesquisa desenvolvida foi realizada através de uma observação participante em uma sala de aula de uma escola particular de Brasília.

Palavras-chave: Letramento. Professor. Leitura.

ABSTRACT

This study is characterized as a work of completion, with the title. The teacher's role in the mediation of reading to literacy, whose general objective is to demonstrate how the performance of the teacher can encourage reading practice for effective literacy. The specific objectives are to: (1) Analyze the knowledge of teachers about literacy, (2) identify strategies for reading mediation used in the classroom, (3) analyze how the reader practice in the classroom is. This research mentions the authors SOARES (2010), Bortoni-RICARDO (2010, 2012,2013), KLEIMAN (2008), CAVALCANTI (2010), Barbosa (1994). The research conducted was conducted through participant observation in a classroom of a private school in Brasilia.

Keywords: Literacy, Teacher, Reading

Sumário

Apresentação	9
Memorial.....	10
Introdução.....	18
I. Problema de Pesquisa	19
II. Justificativa e Relevância do estudo.....	19
III. Objetivos e Aserções.....	20
a. Objetivo Geral.....	20
b. Objetivos específicos.....	20
c. Aserções.....	20
IV. Metodologia.....	20
V. Desenvolvimento (Referencial Teórico).....	23
1.1 O Termo Letramento.....	23
1.2 A função da mediação.....	24
1.3 A negligência na mediação e na leitura.....	25
1.4 Estratégias de mediação.....	26
1.5 O papel da escola no processo de mediação.....	27
1.6 Avaliação do letramento.....	29
2.1 Pra que leitura?.....	32
2.2 Leitura e letramento	33
2.3 Leitura e educação.....	36
Metodologia de Pesquisa.....	38
Análise de Dados.....	45

Considerações Finais.....	48
Perspectivas Profissionais.....	49
Referências Bibliográficas.....	50

Apresentação

O presente trabalho foi desenvolvido no Projeto 5 do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, durante o 1º semestre acadêmico de 2013, sob a orientação da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, sendo considerado requisito para a conclusão da graduação na área.

O tema, “Papel do professor na mediação de leitura para o letramento”, surgiu no decorrer do curso, quando estava em sala de aula, trabalhando no estágio ou em observação de aulas, e percebia que em muitas escolas não há um momento para leitura e quando há o professor não faz mediação. Ao realizar a disciplina de Educação em Língua Materna na Universidade, logo me identifiquei com o tema letramento e notei a relação deste com o que tanto me incomodava nas escolas.

Esta monografia se inicia com um memorial de minha vida acadêmica. Após sua respectiva Introdução, está dividida em cinco partes, a saber: (I) Problema de pesquisa, (II) Justificativa e Relevância do Estudo, (III) Objetivos, (IV) Metodologia e (V) Desenvolvimento.

Na primeira parte está apresentado o problema que conduziu o desenvolvimento deste estudo. A segunda parte justifica a relevância do presente estudo e a terceira parte apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos. Em seguida, na quarta parte, é demonstrada a metodologia segunda a qual a pesquisa foi realizada. A quinta parte, o desenvolvimento, apresenta os conceitos-chave que se relacionam com o estudo, demonstrando a importância da mediação do professor para o efetivo letramento; apresenta a leitura como aspecto relevante e a necessidade de professores conscientes desse trabalho. Ao final, são feitas as considerações finais sobre o trabalho e elencadas as referências bibliográficas correspondentes.

Memorial Educativo

Meu nome é Talwane Vieira Canguçu. Nasci em Brasília, no dia 25 de novembro de 1992, às 21h00min, em uma quarta feira de muita chuva, como brinca minha família, Deus estava limpando a bagunça que eu deixei ao sair de lá. Sou filha única de uma ex-professora e um bombeiro militar. Fui a primeira neta da família, primeira sobrinha, primeira afilhada, portanto fui cercada com muito amor e carinho e atenção quando nasci.

Meus pais já haviam decidido que eu seria filha única para que pudessem me dar tudo o que fosse necessário. Ao contrário do que todos imaginavam, quando criança nunca quis ter um irmão. Como cresci muito perto de toda a minha família, tenho um enorme carinho por todos eles, e os meus primos que vieram depois fizeram e ainda fazem o papel de meus irmãos.

Antes de entrar na escola, como eu era filha de uma professora que parou de trabalhar quando se casou, comecei a ser alfabetizada em casa pela minha mãe mesmo. Fui influenciada pelos meus pais a desenvolver o hábito da leitura, pois como eles liam bastante eu também queria ter os meus livros. Eles compravam apenas livros com imagens ou contos de fadas e tinham que ler para mim todos os dias, até quando eu decorava a história, e dizia: “- Hoje eu conto a história!”. Hoje reconheço como essa influência dos meus pais com os livros foi importante para que me tornasse um sujeito leitor ativo.

Não apenas a minha mãe, mas várias tias minhas, também eram professoras, o que fazia com que a visão sobre a minha educação tivesse olhares diferentes das outras crianças. Com isso, todos os brinquedos que eu ganhava eram pedagógicos, o que ajudou a minha mãe a me alfabetizar em casa.

Vejo que essa foi uma fase importante para que já começasse minha vida habituada com a leitura. Pois com o tempo, já escolhia livros e mostrava interesse nos que mais me agradavam.

Ingressei na escola aos três anos de idade na turma do maternal, na mesma escola em que estudava a filha da minha madrinha, que é um ano mais velha do que eu. Eu adorava ir à escola, porém chegando lá eu não ficava em minha sala, eu chorava muito para poder ter aula na mesma sala que a minha prima. Como minha mãe já havia

começado a me alfabetizar em casa, a escola não viu problemas em me deixar frequentar o Jardim I, como resultado, não fiz de fato o maternal.

Nesse período os meus pais ainda não tinham casa própria, por conta disso mudávamos de casa todos os anos, logo eu mudava de escola também. Porém essas mudanças nunca me afetaram.

No ano seguinte comecei em outra escola, porém no jardim II. Adorava a escola pelas aulas de balé e as aulas na piscina. Lembro que por causa do balé havia diversas apresentações para a família, que aconteciam dentro e fora da escola, e dos concursos que a escola promovia com a venda de rifas, como rainha da primavera, que eu ganhei porque meu avô comprava todas as rifas.

No ano seguinte mudei de escola novamente e fui matriculada no jardim II por causa da minha idade. Porém no meio do ano, a professora notou que não havia a necessidade de fazer completamente o jardim II, pois já conhecia todo o conteúdo e não acompanhava a turma, por não querer refazer exercícios que já havia realizado no ano anterior, logo eu conversava muito e atrapalhava a turma e a minha mãe sempre recebia reclamação da professora de que eu estava realizando as atividades dos outros alunos. Como a escola era evangélica, não realizava nenhum tipo de festa, o que eu estranhava muito, isso contribuiu para que eu me sentisse desmotivada a ir para a escola. Como também fazia nesse tempo aulas de natação, eu acaba me dedicando mais à academia, e sempre dizia que não precisava ir à escola, que nesse momento eu poderia ir para as aulas de natação.

Após as férias de julho, recomecei as aulas no jardim III, onde concluí o ano letivo. Lembro que, com a mudança no meio do ano, não conseguia me adaptar à turma com o motivo de fortes dores de cabeça. De início todos pensavam que era por eu não estar me adaptando à nova sala de aula, apenas depois um tempo meus pais descobriram ser um pequeno problema oftalmológico. Lembro-me desse ano letivo, por causa da minha empolgação em participar da formatura. Gostava de realizar os ensaios das apresentações, de receber o canudo com o diploma, de uma pequena medalha de honra ao mérito dada aos alunos na ocasião.

No ano seguinte mudei de escola novamente. A primeira série foi meu primeiro ano em uma escola pública, com seis anos de idade. No começo estranhei a escola por ser diferente das anteriores, mas me acostumei com o tempo. Para começar quando

comecei na primeira série havia duas turmas na escola, uma em que os alunos eram alfabetizados e a outra em que os alunos ainda estavam em processo de alfabetização. Logo os alunos entre as turmas raramente faziam atividades conjuntas. Ingressei na turma que era alfabetizada.

Com essa diferenciação entre turmas na mesma série, minha mãe ficou um pouco preocupada e logo começou a participar ativamente dentro da escola. Como a escola ficava localizada em área de classe média baixa, a escolaridade dos pais dos alunos da escola era baixa. Poucos participavam ativamente da escola, apenas alguns pais, como a minha mãe, que tinham uma maior disponibilidade de tempo e um maior grau de instrução e de nível socioeconômico realmente participavam da vida escolar.

Nessa minha escola havia um projeto literário, com o conjunto de quatro livros que eram enviados todo ano pelo governo para todos os alunos. Fazíamos diversas atividades com esses livros. Poderíamos apenas explicar para a turma o livro, fazer relato da história, desenhá-la e diversas outras atividades. Como existiam diversos conjuntos de livros, quando os amigos falavam que a história era interessante, trocávamos os livros entre nós. Foi nessa época que também descobrimos qual era o gênero literário que mais nos agradava, pois o conjunto de livros que recebíamos vinha com quatro gêneros diferentes. Percebo nessa fase como os professores que me educaram praticavam bem o papel de mediadores. Todas as professoras que tive nessa escola exerciam o papel de agentes letradores.

A gestão dessa escola era de um grupo comprometido com a educação e ciente da realidade dos alunos que frequentavam a escola. Muitos professores do quadro trabalhavam na escola havia anos. Quando chegavam professores novos, que não demonstravam haver-se adaptado ao método de trabalho da escola, logo um grupo de mães, como a minha, pedia para que esse fosse substituído. E a gestão da escola, também, sempre trabalhou muito conjuntamente com os pais que demonstravam interesse.

Nessa mesma época, meu pai tinha assinatura de revistas e eu tinha assinatura de gibis da turma da Mônica, que era meu passatempo favorito e que acabava levando para a escola para ler com amigas na hora do intervalo junto com os doces que nós comprávamos na porta da escola antes de entrar para a aula. Como era uma assinatura e chegava um determinado número mensalmente, com o tempo eu tinha praticamente uma

“gibiteca” (como se chama na Biblioteca Demonstrativa de Brasília) da Turma Mônica, que eu ainda tinha guardado até pouco tempo atrás.

Apesar de o governo enviar os livros de literatura para todos os alunos todos os anos e sermos incentivados a lê-los, lembro que a biblioteca não era acessível aos alunos. Só íamos à biblioteca no dia de receber a série de livros ou quando a professora realizava alguma atividade que necessitasse ir até o local. E não era por falta por falta de livros ou por falta de quem trabalhasse na biblioteca que não a frequentávamos, pois me lembro de como a biblioteca era bem organizada e da funcionária que era responsável por ela.

O que eu mais gostava nessa escola era dos passeios. Havia vários durante o ano: ao circo, aos museus de Brasília, ao Catetinho, ao cinema e outros. Esses passeios também eram utilizados pela professora em sala de aula posteriormente como temas de redação e outras atividades. Como eram vários passeios no mesmo ano letivo, nos anos seguintes acabávamos repetindo os mesmos passeios.

As festas de comemoração de datas especiais que são comuns nas escolas também me marcaram muito, como dia das mães, dias dos pais, festa junina, natal, dia das crianças e outros. Eu me divertia participando dos ensaios e do próprio dia da apresentação, pois toda a minha família, tios, avós, primos, madrinha, estavam sempre presentes para assistirem às apresentações.

Nessa fase brincava da minha atual profissão, dando aula às minhas bonecas com o quadro negro que eu tinha para estudar os conteúdos da escola. Nessa época eu nem imaginava qual profissão eu iria querer seguir. Sempre que me perguntavam, a resposta era relacionada com o conteúdo estudado na escola, se era o sistema solar, eu queria ser astrônoma, se era divisão, eu queria ser matemática, se era a organização dos 3 poderes, era deputada. E assim demorou até que eu decidisse a minha carreira.

Como eu sempre me envolvia muito quando o conteúdo estudado era de meu interesse, e como sempre fui muito curiosa, tudo que era novidade para mim, eu me interessava, eu sempre escrevia pequenos textos relacionados com o que eu estava aprendendo, e não bastava escrever, eu ainda tinha que ler e receber a aprovação dos meus pais para me sentir satisfeita. Aqueles papéis tinham uma enorme importância para mim. Como meus pais perceberam isso, disseram que se eu continuasse escrevendo, mandariam fazer meu livro. Eles recolheram as folhas com os textos e

mandaram encadernar de forma simples, mas para mim, que não reconhecia a forma simples, tratava o trabalho com tal importância, pois era o meu livro, o livro que eu havia escrito.

Apesar de não ser costume nas escolas públicas, minha mãe fazia minhas festas de aniversário na escola, era um momento de comemoração muito alegre com a turma.

Foi nesse período também que tive a minha primeira carteirinha de usuária de uma biblioteca. Meu pai trabalhava na Câmara dos Deputados e sempre que ia voltar para casa passava na Biblioteca Demonstrativa de Brasília e levava livros para ele, minha mãe e eu lermos e quando eram para serem devolvidos eu sempre queria ir junto, pois além de gostar de ir ao trabalho dele, gostava de ter que passar na biblioteca que tinha uma sala apenas com livros infantis. Os meus livros favoritos eram a série de Shakespeare com ilustrações infantis. Lembro-me de ter lido diversas vezes cada livro da série, e meu pai sempre me perguntando se eu não havia enjoado. Nessa época também houve a estreia de uma saga de livros que me acompanhou até a adolescência e que me marca até hoje que é a série Harry Potter.

Estudei nessa escola até a antiga quarta série, quando fiz o Proerd, que é um projeto da Polícia Militar para conscientizar as crianças sobre os malefícios das drogas, que no final tem uma formatura.

Como estudei por quatro anos nessa escola, com as mesmas crianças, tínhamos grandes laços de amizade, tanto entre as crianças, como com as professoras que trabalham lá até hoje e se orgulharam quando voltei dez anos depois para falar que havia decidido fazer pedagogia e não havia me esquecido delas.

Para fazer o ensino fundamental II, como os meus pais mais acreditavam ter maior importância, e não acreditavam no ensino das escolas públicas que na época faziam constantemente greves, me matriculei em um colégio militar no qual meu pai conseguiu a vaga por ser bombeiro. Desde a quinta série estudei no Colégio Militar Dom Pedro II, e posso falar que realmente foi lá que me eduquei e foi a escola que formou a pessoa que sou hoje.

As diferenças entre as escolas eram enormes, e a adaptação foi muito difícil. Por ser uma escola militar e ter que seguir todas as regras, por um tempo comecei a odiar toda a escola. Não me acostumava com a farda, com as regras militares que a escola segue, com os alunos que não moravam perto uns dos outros como na outra escola e

havia ainda o fato de ser o primeiro ano em que eu estudava pela manhã e longe de casa, onde eu não conhecia ninguém. Além disso, o número de matérias tinha dobrado assim como a quantidade de trabalhos a fazer, passados como uma obrigação, não me lembrava em nada a antiga escola.

O primeiro ano foi o mais difícil, mas a escola me encantava por ter uma biblioteca grande e com um enorme número de livros, mesas e salas de leitura disponíveis durante todo o tempo aos alunos, com livros variando entre literários e didáticos que abarcavam desde o ensino infantil até o ensino médio.

Após a adaptação à escola, tudo ficou mais fácil. E a biblioteca ficou frequente na minha vida a partir desse momento. Além de a escola ser muito rígida com as questões militares, eu ingressei em um momento em que eles gostariam de preparar os alunos desde a base para o vestibular da UnB.

Adorava participar da banda da escola, pois ela participava de concursos de Brasília e se apresentava constantemente. Também gostava estar presente nas participações da escola no desfile do dia sete de setembro, pois era uma experiência muito diferente e agradável.

Foi a partir dessa fase que comecei a fazer trabalhos escolares na casa de amigos, e ficar na escola em horário contrário por conta desses. Apesar de não passar mais tanto tempo com a minha família, foi nesse momento em que criei mais autonomia ao decidir o que deveria fazer sozinha.

Foi nessa escola também que realizei pela primeira vez uma mostra cultural. Adorava esse dia por poder trabalhar com equipe grande e mostrar o que mais me agradava de forma interdisciplinar ligada com conteúdos não escolares. Apesar da mostra cultural contar como ponto para todas as disciplinas, era um momento muito divertido, pois os alunos se uniam durante dias para participar da preparação de tudo que seria apresentado.

Foi nessa fase também que criei alguns traumas com disciplinas como matemática. Comecei a ter dificuldades na sexta série e depois disso nunca consegui realmente aprender o conteúdo, sendo sempre levado como uma obrigação até o final do ensino médio. Todas as outras disciplinas que tivessem uma pequena ligação com matemática, também acabei criando certa barreira, como física e química. Mas também adorava as disciplinas como português, em que eu demonstrava grande habilidade com

muita facilidade no momento da aprendizagem e principalmente o momento de produção de textos, onde tinha uma imensa criatividade para escrever os textos, fossem eles com temas pré-determinados ou livres.

Permaneci nessa escola até o ensino médio. Nesse momento eu já havia me acostumado com tudo que tinha se posto como barreira quando ingressei no ensino fundamental. Do meu ponto de vista era a escola perfeita. Éramos amigos dos professores, que costumavam nos aconselhar fazendo o real papel de mestres, que mostravam realmente se importar com cada um, sabendo de nossas qualidades e nossos defeitos. A maioria nos deu aulas durante os três anos do ensino médio. As turmas que formavam o ensino médio estudavam juntas desde o ensino fundamental, o que nos fazia ter uma sensação de enorme companheirismo.

Tive uma imensa sorte de poder de ter sido aluna desses professores, que realmente eram comprometidos com o trabalho, empenhados em realizar bem sua atividade, para que os alunos aprendessem da melhor forma possível. Hoje percebo que mesmo os mais severos, eram ótimos mediadores, capazes de educar não apenas de forma intelectual, mas de ter a visão de que estavam educando futuros cidadãos.

No início do ensino médio comecei a ter aula aos sábados, o que me deixava muito cansada por ser uma rotina praticamente sem descanso devido à grande quantidade de disciplinas e à carga horária, junto com as atividades extracurriculares que eu realizava. Nessa fase abandonei o curso de inglês que havia começado há pouco tempo, pois preferia fazer as atividades que tinha o grupo das pessoas da escola. Apesar de que a única atividade que realizávamos mesmo, eram os trabalhos da escola.

No ensino médio participava também do grupo da leitura da escola. O encontro era semanal em horário contrário, onde debatíamos cada semana dois autores e dois livros pré-determinados. Mas, durante o debate, sempre chegávamos a mais livros e tínhamos o ponto de vista de várias pessoas sobre diversos autores. Eram momentos escolares informais que mais aproximavam os alunos da escola, o que fazia com que ficássemos praticamente o dia todo na escola durante toda a semana, fosse participando de grupos ou preparando novos encontros ou os trabalhos tradicionais. Apesar de não serem todos os alunos que participavam, era muito bom. A escola tinha várias atividades extracurriculares, que abarcavam diversas áreas, podendo assim contemplar a todos os alunos para participarem de atividades que mais lhes agradassem.

O terceiro ano foi o pior, a pressão era muito grande, tanto por parte da minha família, quanto dos próprios professores, que haviam nos preparado desde o ensino fundamental para a prova. Era uma forma de eles avaliarem o resultado do próprio trabalho. Nesse ano a única sensação que eu tinha ao ir a escola era de obrigação e de querer sair realmente.

No vestibular do meio do ano marquei como curso Pedagogia, mas não estava convicta da minha opção. Tinha receio da discriminação que havia com o curso, apesar de vir de uma família com diversas professoras. Vários colegas meus também ingressaram na Universidade em diversos cursos nesse mesmo vestibular, e por isso perdi contato com eles nesse tempo. Logo no final do ano, quando nos reencontramos no baile de formatura, foi tanta a sensação do reencontro, de diminuir a saudade e também de dever cumprido, pois já estávamos terminando o primeiro semestre da faculdade.

Ingressei na UnB com dezesseis anos, junto com o namorado que tinha na época. Foi o melhor semestre do meu curso, pois sentia a diferença entre a escola e a universidade e cada vez que conhecia mais a universidade, ficava encantada com tudo. A quantidade de cursos, de pessoas, as possibilidades que havia ali dentro, tudo me encantava. Mas ainda não estava certa quanto à escolha do curso.

Como vim de um colégio militar, as diferenças para uma universidade federal eram enormes. Mais uma vez tive dificuldade de me adaptar, mas dessa vez, por causa da liberdade que era concedida aos alunos. Tive dificuldades de compreender que eu poderia escolher o que gostaria de estudar, que roupas e acessórios gostaria de vestir, o horário que eu gostaria de ir à UNB, e tudo o mais que a universidade pôde trazer de novo para a minha vida.

Fiz o segundo semestre ainda pensando se seria realmente isso que eu gostaria de fazer por toda a vida. Nesse período também passei pela primeira famosa greve da UNB. Ao contrário do que as pessoas imaginavam eu tinha adorado a greve, como era muito nova, a única visão que eu tinha dessa era de umas férias prolongadas. Cheguei a prestar outro vestibular, mas não passei.

No terceiro semestre fiz uma matéria de educação especial com a professora Patrícia Neves, não apenas a disciplina, mais a história da professora me fizeram decidir pelo curso. Não apenas a disciplina dela, mas todas as outras me fizeram ter outra visão

do que é a educação, totalmente diferente da que eu tinha quando eu cursava o ensino médio, de que o curso era inferior e servia apenas para educar crianças. Foi nessa fase que descobri como a educação pode ser complexa e como esse curso ainda não recebe o seu devido valor.

Não me lembro exatamente qual foi a primeira disciplina que me pediu que eu escrevesse a minha história escolar, no momento em que escrevi me surpreendi como lembrei com carinho e respeito das professoras do ensino fundamental.

O namorado que havia entrado comigo optou por ir fazer outro curso. Estranhei um pouco começar a participar das aulas sem a presença dele. Os outros alunos que ingressaram junto conosco no curso diversas vezes também me perguntavam por ele.

Quando estava no quarto semestre, comecei a fazer estágio no Colégio Le Petit Galois, o que me ensinou muito também, porque aprendi muito na prática. Tive a sorte de ser assistente de uma professora que trabalhava tanto com o ensino infantil e comigo no ensino fundamental e tinha muita paciência de me ensinar tudo que ela sabia. Com as turmas com quem trabalhei também criei um enorme carinho com todas as crianças, me sentindo realmente professora. Fora todas as amizades que fiz e o que aprendi com as outras pessoas fossem elas professoras, coordenadoras, diretoras e outras.

Esse estágio foi fundamental para a minha formação. Nas aulas presenciais eu aprendia a teoria, no estágio a prática foi decisiva para a minha formação como professora. Eu realmente me formei professora durante os dois anos em que estagiei em sala de aula.

Durante todo o curso, fiz matérias incríveis com professores brilhantes, que trato com muito carinho e respeito. Aprendi coisas que vão muito além do que eu imaginava quando marquei o curso na inscrição do vestibular. Descobri que fazer uma faculdade é muito mais que eu imaginava ou haviam me falado. Hoje sei que quando entrei na UnB, ainda não estava preparada para fazer um curso superior, mas aprendi muito durante o curso. Amadureci realmente dentro da universidade. Fazer o curso não me formou apenas professora, formou a pessoa que sou hoje.

Introdução

Em uma sociedade em que a leitura e a escrita estão presentes a todo o momento, é sempre necessário compreender a informação e saber usá-la no cotidiano. Nesse contexto a escola tem o papel de educar seus alunos para viverem nessa sociedade.

Ensinar o aluno a apenas decodificar o código alfabético é pouco para esse contexto em que vivemos. Alfabetizar se tornou apenas uma parte do processo educacional dos alunos. O objetivo é formar sujeitos letrados, um termo relativamente novo, mas que explica a necessidade de formar cidadãos capazes de usar a leitura e a escrita no seu dia a dia.

Para a formação de sujeitos letrados, alguns aspectos são relevantes durante sua formação e entre eles se encontram o seu contato com a leitura e a atuação do professor. Mas em uma sociedade onde não há incentivo à leitura e a carreira de professor é desvalorizada e tem lacunas na formação inicial, como demonstrar que esses dois pontos são imprescindíveis?

Nesse cenário, destaca-se a importância desses dois aspectos no processo de ensino-aprendizagem para a efetiva formação dos alunos como sujeitos que saibam compreender a escrita e como usá-la no seu dia a dia.

I. Problema de Pesquisa

O objetivo do presente trabalho é demonstrar a importância da atuação do professor como agente de letramento e da utilização da leitura como fator para o letramento.

II. Justificativa e Relevância do Estudo

Desde pequena desenvolvi o hábito da leitura e sempre soube que essa prática era responsável pela facilidade com que eu utilizava a leitura e a escrita no meu dia a dia. Apenas no decorrer do curso de Pedagogia descobri que essa “facilidade” tinha um nome, letramento. Com o desenvolver do curso, aprendi que vários fatores contribuíam para a formação do sujeito letrado, entre os principais estavam o papel do professor e a leitura. Quando optei por realmente realizar o curso, já tinha em mente trabalhar com área de leitura, que sinto ter pouco espaço nas escolas e principalmente em sala de aula.

Com todo o contato que tive com a área de educação nesse caminho, percebi que não é em todos os casos que o professor tem a consciência da importância da leitura e da sua mediação para a formação dos seus alunos. Muitas vezes não incentiva a prática da leitura, crendo que apenas a alfabetização seja necessária para a formação desses.

Por esse motivo decidi pesquisar a respeito da leitura e da mediação do professor na formação do sujeito letrado. Sei que esses dois fatores tiveram e ainda têm papéis de extrema relevância na minha formação intelectual.

Noto também, ainda, a necessidade de que o conceito de letramento seja difundido e principalmente aplicado na prática pedagógica cotidiana. Ser letrado, segundo Kleiman (2008, p. 17), “significa ter desenvolvido uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem”. Ou seja, o ser letrado é capaz de fazer uso da leitura e da escrita socialmente. Para que esse sujeito consiga se tornar um sujeito letrado é necessário que a escola trabalhe com essa finalidade. Logo o professor, que tem um contato direto com o aluno, deve exercer a função de formar sujeitos letrados. Para se atingir tal finalidade se fazem necessárias condições, entre elas, Soares (2010, p.58) coloca o uso de material de leitura. Compreender o papel do professor para o letramento e a relevância da prática da leitura nesse processo é essencial para a prática pedagógica.

Repensar a formação do sujeito letrado através do papel do professor e da prática da leitura na formação do aluno foi o que instigou a pesquisa.

III. Objetivos

a. Geral

O objetivo geral deste estudo é demonstrar como a atuação do professor pode incentivar a prática da leitura para a concretização do letramento.

b. Específicos

- Analisar o conhecimento das professoras acerca do letramento.
- Identificar estratégias de mediação da leitura utilizadas em sala de aula.
- Analisar como se dá a prática leitora em sala de aula.

c. Asserções

- A formação inicial de professores não favorece a aquisição de informações sobre o conceito de letramento.
- Os professores de séries iniciais não se empenham regularmente em estratégias na mediação de leitura.
- Há poucas atividades de prática leitora em sala de aula.

IV. Metodologia

Essa pesquisa de campo se propõe a analisar as práticas pedagógicas promovendo o letramento em sala de aula, o conhecimento sobre o letramento dos alunos formandos da Universidade de Brasília e observações da prática de leitura e a mediação em uma sala de aula do ensino fundamental em uma escola particular de Brasília. Pretendeu-se desenvolver conceitos e ideias proporcionando uma visão geral acerca do tema. Espera-se que futuramente haja estudos mais aprofundados sobre o tema.

Para proceder-se à análise dos dados, optou-se por realizar uma observação participante.

V. Letramento

1.1 O termo Letramento

O termo agente de letramento surgiu quando Kleiman (2005) o apresentou “referindo-se aos professores em formação inicial ou continuada, que utilizam de forma continuada ou independente, flexível e consciente as práticas socialmente legitimadas do uso da escrita.” Este termo explicita não apenas a diferenciação entre alfabetização e letramento, mas também a atitude do professor para promover a formação dos seus alunos como sujeitos letrados.

Essa diferenciação surgiu em consequência do contexto em que vivemos, onde é necessário ser um leitor ativo, crítico e capaz de reconhecer as causas e consequências das transformações do mundo em que vivemos. Partindo desse ponto de vista, apenas saber ler e escrever seria pouco. É necessário formar sujeitos letrados, que façam o uso da escrita socialmente e a educação baseada apenas na alfabetização dos alunos não contemplava essa área.

Nessa condição de que se deveriam formar sujeitos letrados, a função do professor nessa formação passou a ser o papel primordial. Daí chamar o professor de agente letrador, aquele que é responsável pelo letramento, termo que como diz Kleiman (1995) “surgiu para identificar o impacto social da escrita.”

Nesses aspectos mostram-se as diferenças entre alfabetização e letramento. Para Soares (2010, p.47) alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler a escrever. Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita. Ainda de acordo com Soares (2010) existiriam vários tipos e níveis de letramento de acordo com o contexto social de cada indivíduo.

Apesar de diferenciação entre alfabetização e letramento, a alfabetização não se torna inferior ao letramento, pelo contrário, esta se torna condição para que seja feito o letramento. Pois para que haja o esse processo, é necessário que o aluno seja alfabetizado, sabendo decodificar as palavras, de fazer uma leitura, não apenas a leitura de mundo no seu cotidiano. Alfabetizar está na essência do letramento, mas não é o seu único objetivo, é apenas a primeira parte do processo.

O resultado do processo de letramento serão os sujeitos letrados, formados pelos agentes de letramento, que serão capazes de usar a escrita socialmente no seu cotidiano, realizando uma reflexão crítica. Para que isso seja possível é necessária a formação e a atuação do professor. A formação do agente de letramento é importante, pois é só por meio desse trabalho que as práticas de letramento serão legitimadas Kleiman (2005). E é a atuação, porque nesse processo, “o professor é mediador entre o aluno e os autores dos livros”. Kleiman (1997, p.27).

1.2 A função da mediação

O professor deve ser formado letrador, esse deve ter algumas habilidades. Destaco aqui algumas presentes no livro da Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 19):

- Desenvolver recursos para facilitar a integração entre os conhecimentos de língua oral que os alunos trazem consigo para a escola e as competências de leitura, escrita e oralidade que vão adquirir ou aprender.
- Atentar para a transição dos modos de falar para os modos de escrever e ler.
- Reconhecer atividades pedagógicas com a língua materna que contribuem para o desenvolvimento linguístico, afetivo e social do aluno.
- Organizar o tempo pedagógico e o planejamento do ensino.
- Organizar o uso da biblioteca escolar e das salas de leitura.
- Identificar em fragmentos interacionais do trabalho pedagógico episódios de construção de andaime.
- Programar o trabalho pedagógico com textos didáticos e paradidáticos das diferentes disciplinas
- Desenvolver diagnósticos das capacidades e maturidades dos alunos leitores.
- Selecionar os textos literários para o trabalho de sala de aula e para a leitura individual dos alunos, considerando as especificidades dos textos e dos gêneros textuais.
- Desenvolver atividades epilinguísticas e metalinguísticas que favoreçam a reflexão sobre a língua.
- Desenvolver estratégias de mediação durante a leitura, explorando as pistas linguísticas fornecidas pelo texto.

- Identificar exercícios de alfabetização voltados para o desenvolvimento da consciência fonológica.

A formação do professor se faz necessária para que se esse não apenas reproduza a forma como foi ensinado. Esse deve saber como trabalhar, para desenvolver habilidades também em seus alunos. Deve ter estratégias para também formar o professor como agente letrador. Isso significa assumir que é necessário saber como se dá a formação do professor. Uma formação que aborde e forme professores conscientes de seu papel e com o domínio do contexto de sala de aula que é imprescindível para a formação de nossos alunos. As escolas têm um contexto amplo, e os professores devem sair preparados para atuar nesse contexto, logo sendo função da formação ter fornecido o que é necessário para essa atuação. Durante a formação, o futuro professor deve compreender que ele será um agente letrador e assumir o papel de mediador de ensino durante suas aulas. Mediação remete a psicologia de Vygotsky (1998), Bortoni-Ricardo et alli (2012, p. 91) “para o qual a construção do conhecimento se dá nas relações interpessoais, mediada pela linguagem”, Os alunos trabalharam algumas habilidades que serão desenvolvidas por meio de estratégias que o agente letrador desenvolverá para o trabalho com esses. O trabalho com a leitura não pode ser realizado de forma mecânica, onde o aluno não seja sujeito ativo e ainda se desinteresse, não participando da realização das aulas.

O professor, desde sua formação, deve ter consciência da importância da sua atuação para a formação dos seus alunos. Como afirma Kleiman (1997, p.17) “é necessária uma formação teórica do professor na área de leitura”, para que este, além de considerar sua importância, não perpetue as práticas de ensino que são desmotivadoras tanto para os alunos, como para os professores. Pois como diz Kleiman (1997, p.30) “há necessidade do conhecimento do professor na área específica de leitura, além da formação linguística.” Para Bortoni-Ricardo et al (2012) “é importante pensar como se dá a formação do pedagogo para que ele se reconheça como agente letrador.”. Bortoni Ricardo, Machado e Castanheira (2010 p.16) colocam como uma “Pedagogia da leitura tende a fazer bom aproveitamento de suas estratégias e a melhorar seu trabalho pedagógico.” Essa formação deve levá-lo a ser um agente de letramento, e que este saiba atuar como tal. E não se veja apenas como um professor, cuja única função é alfabetizar, pensando que o seu trabalho seja voltado apenas para que seus alunos aprendam a ler a escrever.

O professor ao desenvolver suas aulas deve se lembrar de desenvolver estratégias de ensino “adequadas para que seus alunos tenham acesso a uma cultura de letramento diversificada.” Bortoni-Ricardo et al (2012). Essas estratégias de ensino não podem ficar restritas as aulas de português, nem apenas a textos dessas disciplinas. Em todos os momentos, como diz Kleiman (1997) “o professor deve ser mediador entre o aluno e o autor.” Logo o professor deve criar estratégias de mediação para que seu aluno se torne um agente letrado e não se torne desmotivado. As conhecidas práticas desmotivadoras que Kleiman (1997) cita, provêm “de uma concepção errada sobre a natureza do texto e da leitura, e portanto da linguagem.” E resulta em uma educação desmotivadora e sem sentido para o aluno, que não forma leitores, nem sujeitos letrados.

Essas estratégias contribuirão para que os alunos que estão em processo de alfabetização, além de usarem socialmente a língua escrita, possam desenvolver consciência fonológica, corresponder letra/ som inicial/ figura, distinguir regras variáveis, reconhecer o padrão acentual e outros. “Em sua prática cotidiana, o professor deve assegurar demonstrações de leituras adequadas às crianças” Barbosa (1994, p.138).

Algumas práticas pedagógicas desmotivadoras como dizem Freitas e Costa (2002, p.21) “provêm de uma concepção da professora como mero instrumento de alfabetismo.” O professor que é agente letrador, compreende que este não é o seu papel de apenas alfabetizar seus alunos. Alfabetizar é apenas a primeira parte necessária para o trabalho de letramento. No processo de letramento, o aluno vai construindo também um conhecimento sobre a sua língua materna e fazendo uso desta.

O trabalho de mediação do agente letrador é independente da disciplina trabalhada no momento. O trabalho pode ser realizado com qualquer texto, de qualquer disciplina, independente do gênero literário e assunto, pois a mediação é um processo de orientação, que deve ocorrer a todo o momento. “A escrita social, com caracteres e funções diferentes, propicia leituras diversificadas” Barbosa (1994, p. 115).

A mediação do professor começa a acontecer, antes mesmo de o aluno aprender a decodificar os textos, ou seja, inicia-se na educação infantil. Quando este já consegue decodificá-lo a interação passa a ocorrer de uma forma mais dinâmica, onde o professor mediador passa a ajudar o novo leitor a utilizar os antigos conhecimentos junto com os novos para realizar a atividade necessária. Transformar o aluno em leitor ativo significa

que este deve conseguir compreender o texto e utilizá-lo para desenvolver outras potencialidades, passando desta forma a ser um leitor ativo.

1.3 A negligência no processo de mediação e de leitura

Quando o professor não é agente letrador, “o trabalho com a língua escrita é reduzido à cobrança e contabilidade.” Freitas e Costa (2002, p. 23). Nesse trecho Freitas e Costa sintetiza muito bem o resultado da negligência do professor quanto ao processo de mediação.

Como já dito anteriormente, é necessário que o professor se veja como um agente letrador, para que esse consiga realizar corretamente o seu trabalho de mediação com os alunos. A negligência nesse processo de mediação, ou seja, quando o professor não age como um agente letrador, trará como resultado a formação de alunos apenas alfabetizados, incapazes de serem sujeitos letrados e leitores ativos com um pequeno grau de compreensão do que estão lendo. Para Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.64) a negligência dos professores na mediação durante as atividades de leitura é uma atitude recorrente em nosso país.

O agente letrador sabe que o seu papel é de mediador e o processo de mediação está diretamente ligado à qualidade do ensino e para Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.64) reflete de forma negativa na educação brasileira. Para que isso não ocorra são necessários professores comprometidos com a prática pedagógica, que incentivem a prática da leitura e façam uso dessa em sala de aula com a finalidade de desenvolver novos leitores.

O papel de incentivar a leitura com o intuito de formar sujeitos letrados não cabe apenas ao professor, mas a missão de incentivar o uso dessa e de fazer a mediação em sala de aula é exclusiva do professor, pois este pode estimular a leitura nos alunos fazendo uso dos recursos que a escola oferece e ao mesmo tempo usá-los como ferramentas no para o seu trabalho pedagógico. A falta desse trabalho tanto com a leitura, quanto com a mediação, traz consequências na formação do aluno que muitas vezes tem a sua educação comprometida, não se tornando um sujeito letrado e sem o hábito da leitura.

1.4 Estratégias de mediação

A ampliação do conhecimento do aluno é um processo que vai sendo guiado pelo professor através da mediação. As estratégias de mediação que o professor pode desenvolver são diversas como, por exemplo, atividades de andaime, leitura tutorial, compartilhada, reconto, previsões sobre o texto e outros. Todas essas atividades contribuem para a formação de um sujeito letrado. Essas atividades são baseadas no contexto, onde “o mediador constrói o sujeito questionando, sugerindo, provocando reações, exigindo explicações sobre as informações ausentes do texto, refutando, polemizando, concordando e negociando mediante as pistas deixadas no texto.” Bortoni-Ricardo et al (2012).

Bortoni-Ricardo et al (2012) citam Soares (2003:47) quando explicam os diversos tipos de letramento que podem variar de acordo com o contexto social e com a cultura de cada indivíduo. De acordo com a mediação do professor, também se pode variar o tipo de letramento que este alcançará com seus alunos. Ou seja, a mediação exercida pelo professor define não apenas a ampliação do conhecimento do aluno, mas qual nível de letramento este alcançará.

Para que o aluno seja um sujeito letrado é necessário que ele seja capaz de compreender um texto, criticá-lo e reelaborá-lo de acordo com sua realidade. Para Bortoni-Ricardo et al (2012), a mediação do professor deve caminhar para esse resultado. Nesse contexto a prática pedagógica deve estar baseada na mediação do ensino em todos os momentos.

O professor tem uma função primordial nesse processo de mediação entre aprendizagem e prática de leitura. Como já vimos, o papel do professor como agente letrador tem uma forte influência na formação do aluno crítico que será um sujeito leitor. Porém não é apenas a mediação do professor que contribui para a formação do aluno, “além do conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico, o conhecimento linguístico e o conhecimento interacional são fundamentais para o processo de ler e compreender” Bortoni-Ricardo et al (2012, p.70). Ou seja, habilidades como domínio do vocabulário e decodificação fluente se fazem necessárias. Bortoni-Ricardo et al (2012, p.72) “Para leitores em início de alfabetização a decodificação está fortemente relacionada a compreensão da leitura.”

O trabalho de mediação exige conhecimentos linguísticos e de mundo e que seja visto como uma atividade social e dinâmica, e propicie mecanismo para que o aluno se torne um sujeito leitor ativo e que seja visto não apenas como papel do professor, mas também da escola. O trabalho com a leitura deve propiciar que o aluno tenha contato com diversos tipos de linguagens em diversos contextos e desta forma contribuir para o desenvolvimento da leitura, oralidade e escrita. Essa leitura contribuirá para a formação de intelectual do sujeito crítico para que ele consiga chegar ao último estágio do letramento.

É através das estratégias de mediação em sala de aula, que o aluno vai se tornando um sujeito letrado. Todas as práticas de sala de aula, independentemente de disciplina ou conteúdo, devem estar baseadas de forma efetiva nas estratégias de mediação. São com essas estratégias que o aluno desenvolverá o hábito da leitura e se tornará um sujeito leitor ativo.

Apesar de o professor elaborar estratégias, aplicá-las em sala de aula, realizar seu trabalho de mediação perfeitamente, este não terá sentido se o aluno não participar ativamente. O trabalho de mediação do professor só terá um resultado efetivo, se houver o envolvimento dos seus alunos com as suas propostas pedagógicas. O aluno deve compreender a proposta, e todo o trabalho deve fazer sentido para ele. Segundo Vygotsky, os processos psicológicos humanos superiores nascem da atividade colaborativa, mediada pela interação verbal. Bortoni-Ricardo et al (2012). Daí a necessidade de se realizar estratégias de que os alunos participem como sujeitos ativos.

As estratégias são as ferramentas que o professor utilizará em sua prática pedagógica. É através delas que ocorre a mediação, o professor deve pensá-las como o caminho para atingir seus objetivos. Utilizá-las em sua prática pedagógica se torna importante para que de fato possa ocorrer o processo de letramento, pois a atuação do agente letramento se dá através dessas estratégias, que não são únicas, mas são necessárias no cotidiano da sala de aula, onde cabe ao professor utilizá-las e até mesmo criar suas próprias estratégias para atingir seus objetivos.

1.5 O papel da escola no processo mediação

Apesar de o professor ter um papel primordial com o seu trabalho na formação do sujeito letrado, não é apenas dele o compromisso com a formação dos nossos alunos.

A escola também tem papel importante a ser realizado em conjunto com o trabalho do professor. Como nos dizem Bortoni-Ricardo et al (2012, p.24) “O papel da escola está diretamente ligado ao do professor como mediador do processo de aquisição de uma cultura letrada pelos alunos, que vai desde sua alfabetização ao seu conhecimento de mundo.” A escola também exerce o papel de mediadora no letramento dos seus alunos, percebendo que este papel não fica restrito apenas aos professores.

A escola é responsável por assumir também o papel de mediadora do processo de letramento de seus alunos e organizar práticas que contribuam com o trabalho exercido. Para Soares (2010, p.83) “nas sociedades contemporâneas, a instância responsável por promover o letramento é o sistema escolar”. A escola é vista como principal responsável por este processo em nossa cultura. É na instituição escola que vemos como principal formadora de sujeitos letrados. “As outras instituições, como família, igreja, rua, mostram orientações de letramento muito diferentes” Kleiman (2008, p. 20).

Sendo a escola a “mais importante das agências de letramento” Kleiman (2008, p. 20) é necessário que esta esteja atenta as prática utilizadas na escola, para que o processo realmente alcance a finalidade que almeja.

“Cabe à escola desenvolver atividades que propiciem que os estudantes progredam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras.” Bortoni-Ricardo et al (2010, p.23). Nesse sentido ela deve incentivar práticas pedagógicas que visem a formação de um sujeito leitor.

As práticas escolares devem visar ao letramento, e para isso devem trabalhar conjuntamente com os professores em busca de estratégias para desenvolver o trabalho necessário para formar um sujeito letrado.

O papel da escola não se restringe apenas a propiciar as práticas de letramento, ela deve também fornecer as condições necessárias para que essa prática se torne realidade. Ela deve contribuir fornecendo outros materiais didáticos para que os alunos cheguem aos resultados almejados. Como por exemplo, acesso a materiais de leitura.

Para o agente letrador a participação ativa da escola se faz necessária, para que essa propicie tudo é preciso para que alunos e professores contribuam mutuamente de forma ativa no processo de letramento. Como é o letramento realizado pela escola que a

nossa sociedade valoriza, essa deve exercer o seu papel, cumprindo em formar os sujeitos letrados que se espera que ela forme.

1.6 Avaliação do letramento

Tratando-se do papel do professor como agente de letramento, todo o trabalho ocorrerá, quase completamente, no contexto escolar, na maior parte dos casos em sala de aula. Observa-se também que a nossa sociedade coloca apenas a escola como responsável pelo letramento dos alunos e tem uma cultura de cobrar por resultados medidos por testes.

Porém como avaliar o quão letrado um sujeito é? Mesmo o trabalho sendo exercido em sala de aula, é difícil avaliar com dados precisos essa informação. Para Soares (2010, p.82) seria necessário “uma definição precisa que permita determinar os critérios a serem utilizados para distinguir pessoas letradas e iletradas, ou para estabelecer o grau de letramento.”. Ou seja, é que desejam saber que nível as pessoas são letradas.

Porém no contexto escolar, não cabe ao professor, colocar um resultado final, entre letrado ou iletrado. O letramento em sala de aula é um processo. Exatamente por ser um processo Soares (2010 p.84) coloca que “pode se fazer uso de avaliações e medições em vários pontos, avaliando de maneira progressiva”, e também coloca que por outro lado é desfavorável por ter “uma falta de definição precisa sobre o letramento e a necessidade de sua avaliação e medição”.

Avaliar o letramento não é uma tarefa simples, que pode ser obtido um resultado através de um pequeno teste realizado em um determinado momento em sala de aula. A tarefa de avaliar o processo de letramento em que o aluno se encontra é complexa, e não pode ser avaliado apenas com uma prova realizada a qualquer momento. Como vemos de uma sociedade que necessita de resultados obtidos através de testes, acabamos simplificando o conceito de letramento, como bem coloca Soares (2010, p.85) “a algumas habilidades e práticas adquiridas através de uma escolarização burocraticamente organizada e traduzida nos testes de leitura e escrita”.

Reduzindo dessa forma o conceito de letramento no contexto escolar, nunca se conseguirá um resultado válido por meio dos testes aplicados em sala de aula para a avaliação do letramento realmente utilizado no dia a dia. Nem sempre o conceito de

letramento aplicado em sala de aula, para que os alunos possam realizar os testes, será o mesmo que esses utilizaram em seu cotidiano fora da escola.

As situações que os alunos vivenciarão no dia a dia, exigirão que ele seja letrado de modo diferente, não apenas responder a questões sobre determinadas leituras. O que será avaliado na escola, não é exatamente o que ele vive cotidianamente.

Levando em conta esse modelo de letramento que se instaura nas escolas Soares (2010, p.85) cita Gumperz (1986) que o chama “de letramento escolar”, exatamente por não ser de fato, o que é considerado letramento, mas um conceito simplificado e reduzido para que se possa ser realizados testes escolares, e que não se aplica ao letramento que nos é exigido cotidianamente. Esse letramento escolar visa apenas a critérios definidos pela escola como habilidades de leitura e escrita, habilidades estas que depois serão avaliadas e medidas por meio dos testes.

Não que seja desnecessária a avaliação sobre este assunto. Pelo contrário, avaliação é sempre um modo importante de informação, mas necessita que seja feita de forma válida e que tenha uso prático. Esta avaliação também poderá se relacionar com outros índices como Soares cita (2010, p.113) “indicadores de desenvolvimento social e econômico. Identificar e compreender o status econômico, social e cultural de um país ou de uma comunidade”. Para a área de educação pode contribuir na formulação de políticas públicas destinadas a área.

Existem também outras modalidades de avaliação do letramento de acordo com Soares (2010) como, por exemplo, censos populacionais (que têm influência da avaliação no contexto escolar), autoavaliação pelo censo demográfico, por conclusão série escolar e por estudo por amostragem. Porém é como a autora enfatiza “o letramento não pode ser avaliado e medido de forma absoluta” Soares (2010, p.115).

A escola é a única que pode trabalhar de uma forma facilitada com a avaliação do letramento variadas vezes em diversos momentos desse processo, medindo as habilidades e competências em diferentes momentos do processo educacional. Por esse motivo também é a única que pode “atribuir diferentes atribuições operacionais, um levantamento censitário nacional, através de uma única situação de avaliação” Soares (2010, p.117), lembra que a avaliação deverá estabelecer de modo claro a definição operacional e coletar informações em função dessa.

Apesar de em grande parte dos casos a escola fazer uma avaliação simplificada do que é o letramento, esta ainda está em posição privilegiada quanto às outras formas de avaliação. Estar atento ao chamado letramento escolar é necessário para que os alunos que estamos formando sejam realmente capazes de realizar práticas sociais com leitura e escrita no cotidiano, fora do contexto escolar e do que a escola define como necessário. Estar atento é necessário para que o letramento dos alunos seja bem sucedido e para que esses não enfrentem problemas com leitura e escrita futuramente em seu dia a dia.

2.1 Pra que leitura?

Como bem disse Rubem Alves (2012) “educação se faz com livros.” Para realmente educarmos, como cidadãos conscientes, os nossos alunos, é preciso educá-los com livros. A leitura é a base para a formação desses como sujeitos letrados que serão, capazes de fazerem não apenas uma simples leitura, mas uma leitura crítica do que lhes é informado.

A prática da leitura tem papel central, não apenas na formação intelectual do aluno. Ela contribui em uma formação mais ampla, em uma formação social, cultural, espiritual, ou seja, a formação do ser humano.

Diversas habilidades são desenvolvidas com esse hábito. Esta é uma prática interdisciplinar, que deve estar no centro das práticas pedagógicas para que tenha êxito a construção intelectual do aluno. No novo contexto em que vivemos em uma sociedade dinâmica e globalizada, a leitura, tem a função de unir todo o conhecimento e a aplicação deste no dia a dia.

Apesar de ser um modelo antigo, no meio tecnológico em que está inserida a educação atual, a prática de leitura continua como a melhor maneira educar os alunos, pois esta forma de linguagem está inserida em diversas situações no cotidiano de todos.

A leitura é um processo contínuo e sintetizador que, para o leitor, ao desenvolver suas variadas habilidades, desenvolve também o que tem primordial importância, o hábito da leitura. Pois é lendo que se aprende a ler.

É na leitura que está baseado o nosso ensino atualmente. Leitura de livros, imagens, textos virtuais e outros e esta leitura tem um papel relevante no processo de ensino aprendizagem de nossos alunos. Esta tem uma função importante na formação intelectual de todos nós. A habilidade da leitura aqui é vista como um dos melhores trabalhos pedagógicos que possa ser realizado.

A ideia não é trabalhar com a leitura como uma obrigação, um componente curricular maçante, algo separado das demais práticas pedagógicas, mas como algo que possa ser prazeroso, divertido que, nas palavras de Rubem Alves (2012), seja saboroso. É através dessa leitura que devemos educar nossos alunos, é através dessa prática que eles desenvolverão diversas habilidades, que serão de fato alfabetizado, é baseado nesse trabalho com leitura que faremos nossas propostas pedagógicas, é com essa leitura que

eles se tornarão sujeitos letrados. A leitura é um importante instrumento na educação dos nossos alunos, que pode ser trabalhada em todas as fases educacionais, de forma lúdica e que ao mesmo tempo tenha sentido para os alunos.

É necessário que o aluno consiga realizar uma leitura que tenha sentido para ele, que ele possa aprender com ela, como diz Cavalcanti (2010), “uma leitura significativa que permite olhar os textos para além do que manifestam de forma explícita em sua superfície.”.

Sendo assim, a leitura é um importante instrumento na educação dos nossos alunos, necessitando essa muitas vezes de uma mediação por parte do professor, que deve utilizar esse momento para realizar o processo de mediação necessário para o letramento dos alunos.

2.2 Letramento e leitura

A leitura é uma prática que pode ocorrer em diversos momentos do cotidiano dos alunos. Principalmente quando estes estão em sala de aula, a leitura se faz presente a todo o momento. A leitura dos alunos sozinhos em sala de aula não basta, é nesse momento que o professor deve fazer a mediação a fim de chegar ao objetivo desejado.

Por isso é tão importante que os professores sejam agentes de letramento, para que eles possam fazer a mediação em sala de aula a fim de formar os sujeitos letrados que esperamos que os nossos alunos sejam. Essa mediação ocorre baseada na leitura que os mesmo farão, tanto em sala de aula, como fora dessa.

Muito professores não conseguem identificar quando os alunos estão sendo apenas alfabetizados. Não sabem, afinal, qual o objetivo a que desejam chegar com os seus alunos. Estes professores, não são agentes letradores e é muito difícil que estes consigam formar sujeitos letrados em suas turmas.

A prática do letramento tem como função formar sujeitos leitores que sejam capazes de realizar habilidades baseadas no que leram como, por exemplo, fazer inferências, compreender o que está implícita e explícita, conseguir relacionar a outros assuntos, ler nas entrelinhas e outros, até que ele chega ao “último estágio, em que o indivíduo consegue criticar, reelaborar conceitos e trazê-los para sua realidade social, cultural e intelectual com o objetivo de crescer como leitor e cidadão participativo e autônomo” Bortoni-Ricardo et al (2012, p.81).

Essa é a finalidade do trabalho pedagógico de sala de aula baseado na prática da leitura. Todo o trabalho se estabelece, para que ao final, o aluno consiga ser sujeito crítico, leitor ativo, um sujeito letrado. O sujeito letrado é capaz de trazer para o seu dia a dia, todo o que compreendeu com a sua leitura oral ou o escrita.

Aí está a importância da leitura. Ela formará o sujeito letrado, o cidadão crítico, que esperamos que a escola forme. Para isso, é necessário que o aluno entenda a leitura, não como apenas uma prática pedagógica, a ser realizada apenas em sala de aula, mas como uma prática social, que possa realizada a qualquer momento, com qualquer texto, e que esse veja a sua aplicação na sua vida.

O educando deve participar ativamente das propostas de mediação realizadas pelo agente letrador, pois apenas com a cooperação do aluno, o professor conseguirá obter os resultados desejados. A mediação do professor deve ocorrer com estratégias pedagógicas que incentivem a participação de todos os alunos.

Os níveis de letramento com os alunos vão avançando de acordo com o que o processo de mediação vai caminhado. Bortoni- Ricardo, Machado e Castanheira (2010) citam Kirsh (2004) “quanto a esses níveis de proficiência, que estão descrito em cinco níveis”.

O trabalho de letramento vai além da alfabetização, como já dito anteriormente. O letramento na língua materna é um processo que se inicia ainda na educação infantil, antes mesmo de o aluno ser alfabetizado. As propostas de mediação para o letramento devem ser realizadas por todos os professores, não apenas pelos das séries de anos iniciais.

A leitura é significativa não apenas para a formação do sujeito letrado, mas essa terá uma contribuição relevante também em outros aspectos da formação em língua materna dos alunos como: “contribui para a consciência fonológica, metalinguística e fonêmica, decodificação e fluência, princípio alfabético, compreensão e familiaridades com os texto e vocabulário. Essas são competências essenciais da leitura.” Bortoni-Ricardo et alli (2012, p.26). No (PCN-LP. 1997, p.40) consta que o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores²⁶, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras.

Um sujeito leitor é um sujeito letrado, pois este consegue dialogar com o texto e avaliá-lo de diferentes pontos de vista. Ele é capaz de fazer uma leitura significativa, “aquela que permite olhar com os textos para além do que manifestam de forma explícita em sua superfície.” Cavalcanti (2010, p. 13). Este é o sujeito que devemos formar, aquele que consiga analisar criticamente o que lhe é informado.

A mediação do agente letrador já tem como finalidade formar o sujeito letrado, independente de conteúdo, disciplina ou texto trabalhado. Porém nada impede que esse use todos os gêneros textuais para a esse processo de mediação. A leitura é um instrumento importante nesse processo. Entre as condições para que haja o letramento, Soares (2010, p. 58) coloca exatamente a disponibilidade de materiais de leitura.

Ler não é apenas mostrar que sabe decodificar as palavras, ler é interagir, é expandir a alma, é prazer, é lazer, é fazer história, é descobrir, é inventar, é viajar. O real sujeito leitor é capaz de descobrir isso na leitura.

A leitura de qualquer gênero literário não pode ser excluída do processo de letramento. Não existe tipo de leitura errada, existe ‘hábito de leitura’. “O grau de letramento do aluno depende por um lado, da maior ou menor presença, em seu cotidiano, de prática de leitura e escrita”. Kleiman (2008, p. 70). Cabe também ao professor apresentar aos alunos os mais diversos gêneros textuais, “não somente aqueles avaliados como naturais ou necessário” Cavalcanti (2010 p.14). Está também é uma estratégia de mediação, de extrema relevância para o letramento. Para Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p.76) o professor deve comportar-se como um promotor de leitura e incentivar o gosto dessa nos educandos e auxiliá-los nessa tarefa.

Repensar a leitura como um dos fatores do letramento é importante para que o professor possa inserir essa na sua prática pedagógica, consciente do real sentido do letramento, não realizando apenas o “letramento escolar”, onde a leitura é utilizada apenas para responder questões. Que possa realmente utilizar a leitura com o sentido de que seu aluno consiga descobrir o que realmente é ler e assim se torne um sujeito leitor ativo, capaz de fazer uso dessa prática no seu cotidiano e não apenas na escola.

Outro aspecto importante para a compreensão leitora é o vocabulário. O conhecimento da criança acerca do vocabulário da sua língua materna faz com que essa compreenda melhor o que está lendo. Apesar de a criança desenvolver seu repertório com a leitura, esta não é a única maneira de desenvolvê-la. Bortoni-Ricardo et al (2012,

p.75) “Ressalta-se a relevância do desenvolvimento do vocabulário pelo que se aprende pela oralidade na convivência com os pais, familiares, amigos, e na interação com professores e colegas, na escola e em outros ambientes.” Na escola, os professores desenvolvem diversas estratégias para que haja esse desenvolvimento do vocabulário, assim como afirmam Bortoni-Ricardo et al (2012, p.74) “os melhores resultados para desenvolver o vocabulário de leitores principiantes têm sido observados quando se empregam métodos mistos, que, além da busca pelo significado, incluem estratégias de associação de ideias, aprendizado de definições e conceitos, muito treino pela repetição e pela criação de novas sentenças e contextos para as palavras novas, ativando e ampliando o “vocabulário expressivo” da criança.” Pois quando o trabalho desenvolvido se utiliza apenas de uma única estratégia, pode ser que não se mostre o resultado tão rápido e facilmente. “A leitura de vários gêneros textuais também é responsável pelo desenvolvimento do vocabulário” Bortoni-Ricardo et al (2012, p.75). Mais uma vez mostrando que não é necessário que o trabalho com a leitura se restrinja apenas as aulas de português e a um único gênero literário.

Desenvolver o vocabulário é necessário não apenas para que o aluno aprenda o significado das palavras. Outras regras da língua materna também são aprendidas nesse momento, como acentuação, ortografia e outros. Uma ferramenta de auxílio à compreensão leitora é o dicionário, “amplia a repertório do aluno, pois fornece conceitos de forma rápida, mesmo no estudo solitário.”. Não apenas para sanar dúvidas de significados, o dicionário, traz diversas informações sobre a língua materna como a ortografia, acentuação, classificação morfosintática, separação silábica, pronúncia e outros.

O desenvolvimento da leitura leva a uma melhora efetiva do ensino, entende-se aqui, ensino no sentido mais amplo, não apenas do ensino da língua materna, como pensam algumas pessoas, apesar de que a contribuição da leitura mostra resultados mais rápidos e facilmente no ensino dessa.

2.3 Leitura e Educação

Para Bortoni-Ricardo et al (2012, p.87) “é consenso que a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o

acesso a informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate de a troca de ideias.” Mas uma vez retornamos ao papel do agente letrador na mediação da leitura. A mediação não precisa ocorrer apenas no momento da leitura do livro didático. Toda e qualquer atividade didática leitora pode ter mediação. Barbosa (1994, p.115) diz que “lançamos mão de estratégias de leitura diferentes para aprender as informações contidas nos diferentes textos”. As estratégias que o agente de letramento utilizará, dependerão do objetivo desejado e do interesse nas informações presentes no tipo de texto apresentado.

A leitura tem um papel fundamental no processo de letramento. Para Barbosa (1994, p.115) “trabalhar as várias formas de ler para apreender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno”. Ou seja, saber ler é fundamental para ser um sujeito letrado, que consiga fazer uso disso no seu cotidiano. Como diz Soares (2010, p. 42) ao explicar um poema sobre o que é letramento, “letramento é informar-se através da leitura”.

A leitura contribui não apenas na aquisição do vocabulário, mas também na auxilia na construção da escrita, e na aquisição da forma padrão da língua, como diz Kleiman (2008, p. 70) “é o modo de participação da criança, ainda na oralidade, nestas práticas de leitura/escrita, que lhe permite construir uma relação com a escrita”. De acordo com PCN-PL 1997, p. 46 o trabalho com a leitura são situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura.

Metodologia de pesquisa

Esta parte tem como objetivo discutir os procedimentos metodológicos e os protocolos de observação feitos em sala de aula.

Como instrumentos para a construção dos dados, foram utilizadas observações participantes em uma escola, com a descrição da realidade diária de sala de aula, com ênfase no trabalho da professora com mediação de leitura para a compreensão leitora e no momento destinado a leitura visando ao letramento. Trata-se, portanto de uma pesquisa de cunho qualitativo, onde há um contato direto do pesquisador com a sala de aula, buscando a compreensão da realidade desta. Tem-se também a avaliação do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, visando à avaliação de disciplinas que tenham ênfase em língua materna.

Uma pesquisa em educação de cunho qualitativo apresenta algumas características básicas de acordo com Lüdke e André (2000, p.11 apud Bogdan e Biklen 1982), que são:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos
- A preocupação com o processo é muito maior que com o produto
- O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial ao pesquisador
- A análise de dados tende a seguir um processo indutivo

Dessa forma, é necessário compreender também o contexto escolar, o que se está observando, quem está envolvido, o cotidiano escolar entre outros.

A pesquisa foi realizada em uma escola que fica na Asa Sul, área nobre de Brasília, voltada para a classe média alta da região. A rede de ensino oferece desde o 1º ano do ensino fundamental até o fim do ensino médio. A unidade em que a pesquisa foi realizada trabalha apenas com alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A área da escola fica localizada próximo ao parque da cidade na Asa Sul, dentro de uma antiga escola de Brasília, que ainda funciona, mas com um número reduzido de alunos.

Para o seu trabalho pedagógico, a escola conta com uma diretora, uma vice-diretora, uma coordenadora para o primeiro ao terceiro ano, uma coordenadora para o

quarto e quinto ano, uma coordenadora para o projeto vivendo e aprendendo e Mind Lab. Em sala de aula há uma professora regente e uma professora assistente (estagiária), e um professor para cada aula específica que são: inglês, francês, educação bíblica e educação física.

A escola trabalha com dois projetos voltados para a aprendizagem dos alunos. O primeiro se chama Vivendo e Aprendendo, conhecido pelos alunos como V.A. O projeto consiste em atividades lúdicas como dança, circo, música, cênica, informática, xadrez, plásticas e esporte e lazer visando situações cotidianas, permitindo o desenvolvimento de habilidades e a associação do conhecimento às situações da vida, esse também é a base do segundo projeto da escola que se chama Mind Lab, onde o desenvolvimento da aprendizagem está baseado em jogos.

No Vivendo e Aprendendo os alunos participam diariamente de duas oficinas escolhidas por eles, não podendo repeti-las no dia seguinte. O projeto Mind Lab os alunos têm apenas uma vez por semana, com duração de cinquenta minutos com horário marcado na grade curricular.

Sua estrutura física conta um prédio para a parte administrativa da escola, onde ficam localizadas a secretária, sala da direção, sala das coordenadoras, igreja, sala de reuniões, sala de leitura, sala de informática, sala de artes cênicas, hall de entrada e capela e banheiros adultos. No segundo prédio, localizado no térreo, ficam a lanchonete, pátio e banheiros, No primeiro andar estão as salas de aula, almoxarifado corredor de xadrez e banheiros. No subsolo há as salas para o Mind Lab, copa sala de artes plásticas e cozinha experimental. Na área externa ficam o campo de futsal, tendas para aulas de música, circo e dança, circuito de mini golfe, campo de futebol, campo de areia, parquinho, banheiros, e dois campos de basquete.

A sala de leitura conta uma média de dois mil livros que foram doados pela escola, editoras e pelos próprios alunos. A escola também oferece um projeto literário para os alunos, que tem como base a leitura coletiva de um livro por bimestre e a leitura de outros livros durante o ano, onde cada série tem um trabalho literário diferenciado de acordo com a idade/série.

Participaram da pesquisa três professoras que atuam no terceiro ano do ensino fundamental. As três professoras são formadas em Pedagogia e atuam na área de

educação há mais de dez anos. A escola trabalha com um modelo, onde o planejamento da cada aula é igual para as três professoras que atuam na série.

A escolha desta instituição se deu por já haver trabalhado no local como professora assistente e por vontade de aprofundar mais sobre o projeto literário da escola. A escolha das turmas foi feita por interesse em trabalhar com professoras da série em que atuava como assistente e por ajuste de horários com as professoras interessadas. As observações nas salas de aulas aconteceram no período entre 10 a 30 de março de 2013.

O projeto literário do terceiro ano consiste na escolha autônoma de um livro da sala de leitura pelos alunos feita semanalmente. Esse modelo de escolha se encontra nos Parâmetros Curricular Nacional de Língua Portuguesa, chamado de Roda de Leitores (PCN-PL 1997, p.46), porém os livros devem ser levados para ler em casa. O projeto também tem uma caixa literária, onde todos os alunos contribuíram com um objeto para montar a caixa. Cada semana um aluno leva a caixa para a casa e deve escrever um texto utilizando os objetos contidos dentro desta e, se necessário, pode acrescentar mais objetos. O texto é lido pelo próprio aluno para a turma na semana seguinte. Além deste trabalho, os alunos leem coletivamente por bimestre um livro pré-estabelecido pela escola e ao decorrer do bimestre realizam diversas atividades baseadas nesse livro, inclusive uma prova. As aulas acontecem com uma grade horária pré-estabelecida de conhecimento dos alunos.

Neste estudo de pesquisa, os instrumentos de construção de dados foram observações participativas em sala de aulas com duração de dez horas semanais nas turmas vespertinas e cinco horas semanais na turma matutina. Durante a observação das aulas, buscamos identificar os momentos de mediação da leitura durante as aulas, o projeto literário da série e verificar como ocorre a relação deste com o trabalho das professoras. Analisei o trabalho pedagógico visando ao letramento e observei como reagem os alunos nesse momento.

Durante a observação das aulas pude perceber que a estratégia de mediação mais utilizada pelas professoras era a de andaime. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008, p.5) Andaime é uma assistência visível ou audível, que um membro mais experiente presta ao aprendiz. As professoras se utilizavam dessa estratégia para facilitar a compreensão leitora dos alunos com os textos didáticos. A utilização dessa estratégia se dava em todas as disciplinas. Através dessa, os alunos respondiam o que era esperado,

sendo visível que as professoras alcançavam a compreensão leitora que desejavam dos alunos. Percebe-se a presença dessa estratégia em todas as atividades de sala de aula.

Durante o momento destinado à realização do projeto literário, as professoras não se utilizam de nenhuma maneira de mediação. Os alunos apenas apresentam a produção de texto sem que haja intervenção alguma por parte das professoras. O momento de leitura individual também não recebe intervenção. Apenas a leitura do livro em comum recebe mediações, que ocorrem nos momentos da realização de tarefas baseadas neste livro.

Segue-se a transcrição de episódios coletados via observação:

Episódio 1

A sala estava organizada em fileiras, a professora estava à frente da turma. O episódio ocorreu em uma aula de ciências, onde o tema abordado era “Os sentidos e seus órgãos” do livro didático adotado pela escola. A professora pediu que os alunos fizessem a leitura do texto do livro didático em voz alta, cada aluno lendo uma parte. Após o término da leitura do texto, a professora iniciou uma conversa com os alunos:

- (1) P: Sobre o que o texto está falando?
- (2) A 1: Sobre os sentidos e as partes do corpo.
- (3) P: Isso, sobre os sentidos. Mas como ele chama as partes do corpo?
- (4) A 2: De órgão.
- (5) P: Mas porque os órgãos têm relação com os sentidos?
- (6) A 1: Porque são eles que fazem os sentidos.
- (7) A 3: Sem a parte do corpo, o órgão, não tem o sentido. Tipo... sem olho, a gente não vê.
- (8) P: E as imagens, o que mostram?
- (9) A 3: Mostram os meninos com os sentidos.
- (10) P: Como, com os sentidos?
- (11) A 4: Usando os sentidos e as partes do corpo. Comendo, cheirando, assistindo tevê.
- (12) P: E o que o autor quer dizer quando diz que nem sempre ter o órgão significado ter o sentido?
- (13) A 2: Que sem o órgão, não tem sentido.
- (14) P: Sim. Mas e quando tem o órgão e não tem o sentido?

- (15) A 3: Ah! Quando tem o órgão e não tem o sentido é deficiente. Tipo pessoas cegas.
- (16) P: Isso mesmo! Algumas pessoas podem ter o órgão, a parte do corpo, e nem por isso ela possui aquele sentido. E comum nós vermos pessoas cegas ou surdas.
- (17) A 5: Eu conheço cego, mas ele ouve muito bem.
- (18) P: Quando nós não temos um dos sentidos o outro é mais apurado
- (19) P: Vamos responder as perguntas do livro. Quais são os sentidos e os seus órgãos?

Nesse momento os alunos escrevem no livro as resposta ao mesmo tempo em que respondem a professora e recebem a confirmação dessa se a resposta está correta. Nos primeiros turnos de 1 a 19, a professora trabalha apenas com as informações contidas no texto do livro didático, esperando que os alunos respondam corretamente.

- (20) P: Deixa-me fazer uma pergunta. Apenas as pessoas têm sentidos?
- (21) A : É!
- (22) P: É?!
- (23) A 6: Não. Os animais também têm.
- (24) P: Isso mesmo, os animais também tem sentido. Eles também podem ver, ouvir.

Nos turnos 20 a 24 a professora fez os alunos relembrem o assunto estudado anteriormente em ciências que o tema era “Os animais”.

- (25) P: A próxima questão pergunta por que os sentidos são importantes. Por que eles são importantes?

Nesse momento os alunos começam a procurar no texto a resposta para a pergunta. A professora espera que eles encontrem e respondam. Ela explica que gostaria de saber se eles conseguem encontrar a informação que estava contida no texto.

- (26) P: E agora vamos responder a última questão. Essa é individual. Quando no nosso dia a dia utilizamos os sentidos?
Os alunos respondem com várias opções a essa pergunta.
- (27) P: Nós só utilizamos um sentido de cada vez?
- (28) A 3: Não. A gente pode usar mais de sentido de cada vez. Agora mesmo eu te vejo e te ouço.

- (29) A 7: E também pegamos o lápis.
 (30) A 8: E também posso beber água.
 (31) P: Muito bem!

Nesse episódio, observei que a professora levou os alunos a recordarem um assunto estudado anteriormente, a fazerem inferências do texto para responderem as perguntas e houve ênfase em pensarem na utilização do conteúdo com o seu cotidiano.

Episódio 2

A turma estava organizada em roda no chão da sala, a professora estava sentada junto com os alunos. A aula era de produção de texto e o tema trabalhado era referente ao livro “Fábulas de Esopo”, livro que foi lido por todos os alunos da turma e trabalhado no projeto literário da escola. O objetivo da aula era que os alunos identificassem as características das fábulas.

- (1) P: Alguém sabe me dizer porque o nome do livro é Fábulas de Esopo?
 (2) A 1: Porque Esopo foi quem escreveu.
 (3) P: Sim. Esopo foi o autor dessas fábulas. E o que tem a capa do livro?
 (4) A 2 :É o desenho de uma das histórias .
 (5) A 3: Todas as histórias são de animais!
 (6) P: Sim, todas as histórias são de animais, porque essa é umas das características do tipo de texto que encontramos no livro. E esse outro símbolo?
 (7) A 1: É o símbolo de quem imprimiu o livro.
 (8) P: É o símbolo da editora que faz esse trabalho de imprimir o livro. O nome dessa editora é Companhia das letras.
 (9) A 1: Isso a editora.
 (10) Qual é o tipo de texto que encontramos aqui?
 (11) A 3: Como assim, tipo de texto?
 (12) P: São recados? São receitas?
 (13) A 4: Não, são fábulas. Tá falando na capa.
 (14) P: Sim, são fábulas. Esse é um dos tipos de texto que estudaremos esse bimestre. As fábulas são verdadeiras?
 (15) A4: Não, os animais não fazem as coisas que estão nas histórias.
 (16) P: Isso mesmo! O Esopo colocou os animais fazendo coisas que apenas as pessoas conseguem fazer. Essa é outra característica das fábulas.

- (17) A 5: Eu gostei da fábula do leão e do burro.
- (18) P: E o que mais vocês encontram nesse livro?
- (19) A 6: A história da vida do Esopo?
- (20) P: Sim. O que mais?
- (21) A 7: A editora.
- (22) P: Sim, aqui diz a editora. Mas o que vocês encontram de diferente dos outros livros?
- (23) P: O que tem de diferente nesse livro? Que tem em todas as histórias?
- (24) A 8: A moral.
- (25) P: Muito bem! A moral. E vocês sabem o que é moral?
- (26) A 1: Moral é o que a história ensinou.
- (27) P: A moral é um ensinamento, uma lição, que história traz para nós. Essa é outra característica das fábulas. No final de cada história tem uma moral. Quais são mesmo as características das fabulas.
- (28) A 9: Tem animais agindo como pessoas.
- (29) A 1: Tem a moral.
- (30) P: Isso mesmo! Animais agindo como pessoas e moral no final das histórias. Alguém já ouviu chamar a moral de outro jeito?
- (31) A 9: Meu pai chama de moral da história.
- (32) P: Sim, pode chamar de moral da história.

Nesse episódio a professora se utiliza da estratégia de andaime ao utilizar perguntas sobre o livro para explicar as características da fábula como, por exemplo, nos turnos 22 a 27. A professora também pergunta quem é o autor do livro. Pois este não está explicitado na capa. Ela também utiliza de complementações as respostas dos alunos para atingir o objetivo desejado. Ela realizou em excelente trabalho ao mediar o estudo do gênero, apresentando características, o conteúdo, a função e o estilo.

Em relação ao trabalho com o conceito sobre letramento, verifiquei por meio de conversas informais na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que ele é discutido ainda na formação inicial dos professores, porém muitas vezes, ao concluírem o curso, muitos professores recém-formados não sabem definir com clareza o conceito. O atual currículo do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília tem como objetivo formar professores capazes de articular o pensar e o fazer pedagógicos, onde esses educadores possam formular, acompanhar e orientar os projetos educativos.

Entre as disciplinas que se discute o tema aparece em: Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, que é uma disciplina obrigatória do terceiro semestre, Processos de Alfabetização, que é obrigatória para o quinto semestre. Além dessas, algumas disciplinas optativas também abordam o assunto como, por exemplo, Leitura e Educação.

Análise de dados

A análise de dados tem como base as asserções feitas nessa pesquisa. Lembrando que o trabalho com a leitura e o trabalho pedagógico tem como finalidade a formação de leitores competentes como consta no Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa (PCN-LP 1997, p. 44) o trabalho com a leitura deve ser feito diariamente, podendo ser realizado individualmente, em voz alta, pela escuta de quem lê. De acordo com o mesmo (PCN-LP 1997, p. 45) o projeto de leitura tem um objeto compartilhado por todos que tem como função um produto final onde todos trabalham.

No projeto literário realizado pela escola pude identificar duas partes, a primeira parte chamada aqui de roda de leitores, onde semanalmente os alunos buscam livros na sala de leitura da escola, e a segunda parte onde cada aluno produz um texto com a caixa literária.

O PCN- LP (1997, p.47) informa que: Na escola, uma prática de leitura intensa é necessária por muitas razões. Ela pode:

- ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
- estimular o desejo de outras leituras;
- possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
- permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escrevesse para ser lido;
- expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
- aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares — condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
- possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
- informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
- ensinar a estudar;
- possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
- favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
- favorecer a estabilização de formas ortográficas.

Com as observações em sala de aula, pode-se perceber que as três professoras exercem muito bem a função de agentes letradoras, fazendo mediação com os alunos em todas as atividades, nas quais essas sempre conseguiam que os alunos alcançassem a compreensão leitora a partir da estratégia de andaime, apesar desta ser uma das poucas estratégias de mediação utilizada. Percebemos que todas se utilizam da mesma estratégia, por confeccionarem o planejamento juntas e já debaterem como deveria ser realizado o modelo de andaime, preferencial para a realização das atividades.

As práticas leitoras que acontecem nas três salas de aula são bem parecidas. Ou ocorre a leitura individual, ou a escuta da leitura feita pela professora ou pelos alunos da turma. As duas formas são citadas como formas de leitura diária no Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa (1997, p.44) e, em sala de aula, os dois modos recebiam a mediação da professora antes e após as leituras, fazendo sempre com que os alunos refletissem acerca do tema trabalhado, principalmente a leitura dos livros didáticos. Mas não foi demonstrado interesse pelas professoras em buscar novas formas de mediação para o trabalho pedagógico. Os alunos também se mostram acostumados com esse modelo de trabalho por parte das professoras.

Para o projeto literário, percebemos que apenas a parte da produção de texto individual tem uma pequena mediação por parte das professoras, ao realizarem comentários sobre o texto produzido pelos alunos. A segunda parte do projeto, chamada de Roda de Leitores, acaba esquecida pelas professoras, não sendo realizada nenhuma atividade baseada nela.

A prática da leitura livre não tem um tempo destinado dentro de sala de aula. Poucos alunos liam livremente gibis e livros após terminarem suas atividades enquanto aguardavam os outros alunos. A prática de leitura visando ao letramento ocorre apenas na leitura de atividades. Uma leitura onde realmente todos os alunos participem, não ocorre na sala de aula de fato.

A formação inicial de professores, ou seja, a conclusão dos cursos de licenciatura em Pedagogia não favorece a aquisição do conceito sobre letramento. Em conversas informais com os formandos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, muitos concluem o curso sem conseguir definir o que é letramento e muitas vezes acabam conceituando-o como alfabetização. Essa é uma lacuna que não deveria existir na formação dos futuros professores, pois é um conceito que deve ser visto como base para o trabalho pedagógico. As poucas disciplinas que existem no curso discorrem

pouco sobre o tema, o que muitas vezes não esclarece os graduandos sobre ele, o que os leva a chegar à sala de aula, sabendo o exercer a mediação, mas sem de fato conseguir explicar qual o propósito dessa.

Considerações Finais

A importância do professor e da leitura para a formação dos alunos é indiscutível. Mas é importante ressaltar que esses dois aspectos devem caminhar juntos e com um propósito.

O letramento ainda é um conceito pouco esclarecido durante o curso de formação de professores e logo pouco conhecido em sala de aula. Muitos professores se utilizam ao menos de uma estratégia de mediação em sala de aula sem, contudo saber que essa estratégia é fundamental para a formação de sujeitos letrados. Mas sabem que a mediação em suas atividades é necessária.

A leitura ainda é a que menos se apresenta em sala de aula. Porém com novas políticas públicas que a incentivam e construção de bibliotecas como prevê a lei 12.244/10 deve-se abrir caminho para essa prática nas escolas.

O papel do professor não deve se limitar apenas aos exercícios dos conteúdos programáticos, ele deve investir também na prática da leitura com seus alunos e se utilizar dessa para que eles consigam fazer uso da leitura e da escrita no seu dia a dia. Escolas, pais e outros devem ter consciência da importância de ambos os procedimentos para a formação dos alunos e contribuir para que o trabalho pedagógico ocorra.

Apesar de perceber com a análise de dados que muitos professores recém-formados no curso de Pedagogia não conseguem conceituar letramento, nota-se que em sala de aula, os professores, conseguem realizar mediações em suas atividades pedagógicas, apesar, de ainda a mediação na leitura ser pouco utilizada, pois, a prática leitora em sala de aula, ainda fica restringida.

Constantes melhorias na educação provêm também, desses dois aspectos. Dessa forma é importante pensar como incentivar a atuação conjunta entre esses nas escolas para a melhoria da educação brasileira.

Perspectivas Profissionais

Ao concluir minha graduação, pretendo ingressar em uma escola para exercer a minha profissão. Espero, em breve, ser chamada pela Secretária de Educação do Distrito Federal como professor temporário, porém, também não excludo a possibilidade de voltar a trabalhar na escola onde estagiei como citei no memorial desse trabalho.

Em longo prazo, também, me atraem as oportunidades para pedagogos que são oferecidas nos demais concursos públicos.

Em curto prazo, pretendo continuar na UnB, ingressando no Mestrado, pois penso ser um passo importante para ampliar ainda mais a minha visão sobre a área pela qual tenho interesse, que é formação de professores e o letramento.

Despeço-me da UnB feliz por ter concluído a minha graduação que tanto me ensinou, não apenas a ser professora, mas ser a pessoa que sou hoje, com a certeza de que ainda tenho muito a aprender e o desejo de voltar em breve.

Referências

- ALVES, Rubens. **Pimentas**: para provocar um incêndio não é preciso fogo. São Paulo: Planeta, 2012.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1994. 2ed. revisada.
- BRASIL **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**: Brasília: MEC/SEF, 1997(a), 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>> Acesso em 26/06/2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Leitura do livro didático**: uma situação negligenciada. Ling. (dis)curso vol.8 no.3 Tubarão Set./Dez. 2008
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. et alli . **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flores. **Formação do Professor como Agente Letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro. **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013]
- CAVACANTI, Jaurenice Rodrigues. **Professor, leitura e escrita**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e Escrita na Formação de Professores**. Juiz de Fora: UFJF; São Paulo: Ed. Musa, 2002.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.
- Kleiman, Ângela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das letras, 2008 10º reimpressão
- Kleiman, Ângela B. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. Campinas SP: Pontes, 1999

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema três gêneros. 4ed. Belo Horizonte: Autêntico, 2010.